



Frame do longa *Mataram meu Irmão*, de 2013, fotografado por Rafael Nobre

DICAS DE UM ESPECIALISTA PARA **VOCÊ FAZER SEU PRIMEIRO FILME**

Você tem um projeto, mas não sabe por onde começar? Aprenda com o diretor e fotógrafo de cinema Rafael Nobre o caminho para uma produção no estilo guerrilha

POR GUILHERME MOTA

Os primeiros passos para quem quer filmar com pouco equipamento e baixo custo é aderir ao estilo guerrilha. O professor e diretor Rafael Nobre, um “guerrilheiro” com experiência de 14 anos de estrada como diretor de curtas, mé-

dias e longas-metragens, diz que um dos aspectos mais importantes é o relacionamento que o *filmmaker* precisa ter com a equipe e com a proposta do filme. Para ele, criar um filme não serve apenas para aprender a contar histórias, mas também é uma experiência pessoal valio-

sa. “A guerrilha ajuda muito mais a pessoa a entrar no mercado formal do cinema. Por isso, é bom estudá-la”, avalia.

Nobre ensina que ter consciência do que está movendo o cineasta e a equipe é essencial para começar a filmar. A busca por lucro não po-



Nobre (de vermelho) durante a gravação de um filme



Acima e abaixo, *frames* do filme que teve a direção de fotografia de Nobre e foi o ganhador do festival É Tudo Verdade de 2013



de ser o mote principal numa produção no estilo guerrilha. Os recursos, na realidade, servem como facilitadores, e não como fim. “Para o cineasta iniciante, estudar, procurar saber sempre mais, ler, entender como funcionam as ferramentas e pesquisar maneiras distintas de produzir é fundamental”, explica.

O diretor comenta que uma das formas de financiar o próprio filme é realizar trabalhos remunerados paralelamente. No primeiro momento, o foco é o bom atendimento ao cliente. Depois, usar parte desses ganhos para tocar a produção independente. Além disso, a motivação será essencial para conseguir montar uma equipe de produção sem a certeza de retorno financeiro. “É preciso que todos tenham uma razão muito forte para estarem ali”, alerta. E completa: “O que leva al-

guém a fazer um filme sem dinheiro senão a vontade de produzir, de contar algo, de evocar um tema urgente? Isso pede um trabalho árduo e rigoroso”.

EQUIPAMENTO

É comum o iniciante se deslumbrar com equipamentos em função do mercado, que gera um “encantamento excessivo das técnicas e tecnologias, e influencia negativamente o realizador”, observa Nobre. Ele lembra que sempre há novidades semestrais que vão “melhorar seus filmes e facilitar as produções”. Ou seja, fala-se muito de equipamento e pouco de história. “Nenhum equipamento vai contar todas as histórias que eu quero contar. Cada uma pede equipamentos diferentes”, avalia.

Antes de tudo, é preciso saber o que você quer levar para as telas.

A partir desse conceito é que serão listados os equipamentos necessários. Nobre diz que as técnicas e as ferramentas são importantíssimas, mas o estudo da linguagem é fundamental. “A técnica deve estar a serviço da linguagem”, ensina. Outro ponto importante defendido por ele é que o equipamento precisa ser definido independentemente dos recursos iniciais. A partir daí cabe à produção procurar os elementos desejados. E há um ponto a considerar: vale a pena investir em equipamentos? Segundo ele, às vezes o *filmmaker* acha que precisa comprar tudo. Mas existem outras opções, como alugar e até pedir itens emprestados.

Fora isso, para lidar com as fases de produção uma alternativa é criar uma rede de parceiros que possa ajudar a levar o projeto do co-



Imagens: Divulgação

Atrizes em cenas em P&B do filme *Amador* (2014), de Cristiano Burlan, que teve direção de fotografia de Nobre e Fernanda Brito



meço ao fim. A ideia é valorizar as relações construídas com pessoas e empresas. Nobre aponta que um dos principais parceiros do cineasta de guerrilha são as locadoras de equipamentos. É uma relação construída a longo prazo, e envolve tanto os projetos de guerrilha como os de maior orçamento, ressalta ele. “O parceiro ajuda você num projeto, e mais à frente, havendo recursos financeiros em outro projeto, você volta para ele”, explica. O mesmo pode ocorrer com outras etapas da produção e da pós-produção, como a finalização.

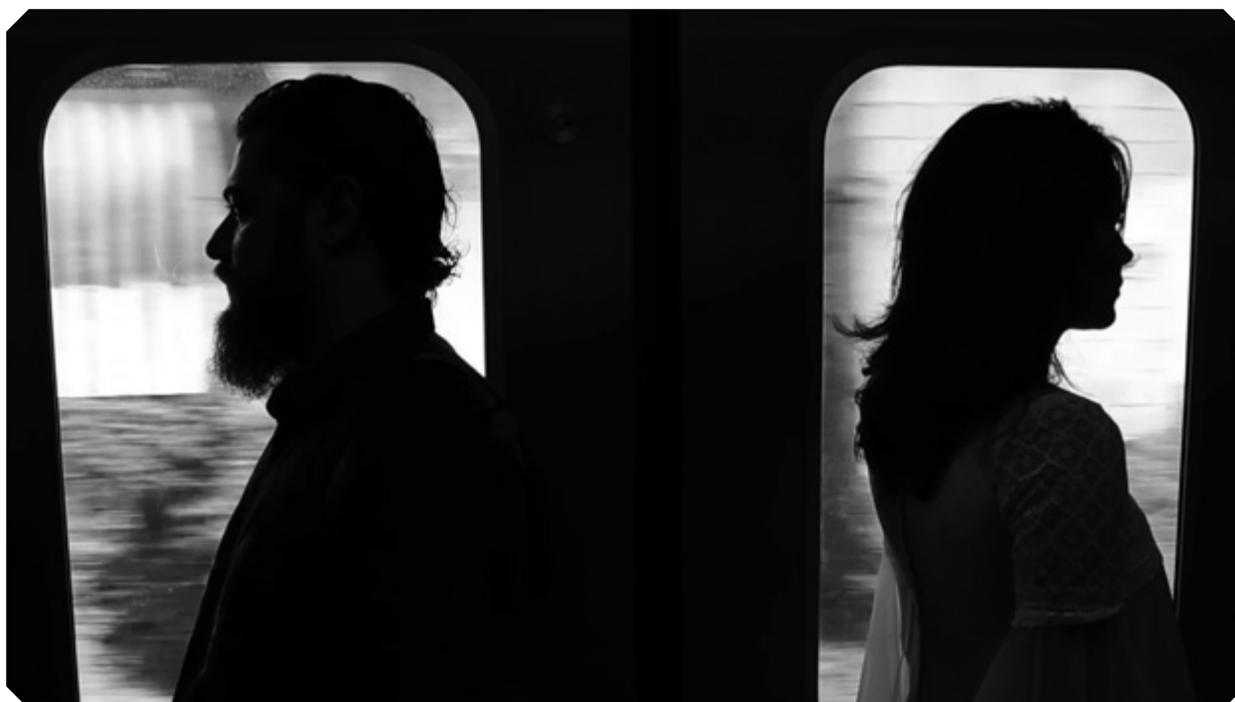
HORIZONTALIDADE

Para o diretor, a equipe deve ser vista de maneira horizontal, como correalizadores de um trabalho. Essa é a tática para estabelecer relações saudáveis com os envolvidos. Segundo Nobre, a era do diretor-ditador acabou. Em parte por causa da realidade das produções, em parte pelo fim da figura que sabia muito mais que as outras apenas pela experiência acumulada. “Não cabe mais esse papel de chefe e subordinados dentro do *set*”, ensina.

Com uma equipe coesa e equilibrada, fica mais fácil lidar com im-

previsto, pois “cinema de guerrilha já é quase um imprevisto”, brinca o diretor. Porém, lembra ele, imprevistos são resolvidos com um bom planejamento da produção. Ou seja, antes, durante e depois de cada passo é essencial tudo estar bem planejado. Por mais óbvia que pareça a recomendação, começar uma produção apenas com o roteiro em mãos é mais comum do que se pensa em filmes de iniciantes. E esse erro pode ser fatal.

Nobre lembra que quanto menor o orçamento, menos espaço há para errar nas escolhas. Como



Acima e abaixo, *frames* do longa *Hamlet* (2014), outra obra de Burlan com estética em P&B que tem a parceria de Nobre: para o diretor, técnica está a serviço da linguagem

exemplo, ele cita um filme planejado para ser rodado em *full HD* e, na última hora, a produção consegue uma câmera 4k. Parece bom, certo? Contudo, se a obra for filmada em 4k, a pós-produção terá que lidar com um fluxo de trabalho muito mais intenso e vai precisar investir recursos em HDs adicionais. E aí o *filmmaker* percebe que o computador dele não roda o material. Não dá para colorir e finalizar. “Você verá que no fim isso foi um equívoco e não um imprevisto”, comenta.

Além de equívocos técnicos como esse, uma série de questões, como orçamento, prazos e até a insegurança do diretor com o material que tem em mãos, pode impedir um filme de ir para frente. “Viajei anos seguidos para a Argentina para captar um filme que de fato nunca aconteceu”, confessa. Para isso, a recomendação é ser metódico e organizado, tendo em mente todo o processo desde a pré-produção até a veiculação ou distribuição do filme. “Pensar no global é essencial. Aí não há muita diferença entre o cinema de guerrilha e as grandes produções”, avalia.



PÓS-PRODUÇÃO

Não importa se é um projeto ao estilo guerrilha. As questões relacionadas à pós-produção e à finalização devem ser pensadas como se fosse um filme de grande orçamento. Isso significa não pular etapas nem deixar de ser o mais primoroso possível em cada fase da pós-produção. É preciso se programar para lidar com montagem e edição, efeitos visuais, colorização, legendas,

masterização, *trailers* etc. Na parte de áudio, a pós exige cuidado com as etapas de edição de som, ADR, *foley*, trilha sonora e mixagem.

Cada fase exige recursos, profissionais e tempo, mas muitas etapas podem ser feitas pelo próprio *filmmaker*, sua equipe, amigos ou profissionais parceiros. “Com recursos escassos, não é o caso de levar o filme para uma finalizadora cara. Mas ainda assim é preciso ter algum ca-

Continue fotografando...



Nós cuidamos do Seguro do seu Equipamento.



Seguro de Equipamentos Para Fotógrafos Profissionais e Amadores

Cobertura ampla, nacional e internacional

Fácil de contratar, atendimento pessoal e on-line

www.kertzmann.com.br

Equipamentos Fotográficos que podem ser segurados:

câmeras lentes flashes



Equipamentos de estúdio acessórios diversos computadores e notebooks



11 3259-2244

kertzmann@kertzmann.com.br

Av. São Luiz, 140 - Loja 3 - Centro São paulo - SP - CEP: 01046-908

FILMMAKER / Consultoria Profissional

Frame de *Hamlet*, de Burlan, um cineasta também de guerrilha



Imagens: Divulgação

minho”, alerta Nobre. Ele resalta que a fase de pós-produção é a mais perigosa no cinema de guerrilha. É preciso ser muito assertivo, mais até que numa produção grande. “Não há para onde correr caso algo dê errado”, adverte.

DIVULGAÇÃO

Todo *filmmaker* quer, acima de tudo, que seu filme seja visto. Quando acaba a pós-produção, inicia-se outra fase crucial: encontrar onde e para quem exibir seu filme. O cenário atual é bastante interessante para a realização independente, avalia Nobre. Com as novas janelas de exibição da internet (como o YouTube e Vimeo) e os canais de TV por assinatura (com a lei que os obriga a cumprir cotas de conteúdo nacional), aumentaram muito as possibilidades de divul-

gação de filmes independentes. Além dessas plataformas, as redes sociais se tornaram outra ferramenta poderosa, abrindo caminho para uma penetração maior, permitindo alcançar públicos antes inviáveis. “Ninguém está mais restrito à exibição em salas de cinema”, comenta.

Participar de festivais continua a ser uma possibilidade interessante de criar bons relacionamentos e visibilidade de mercado, mas ainda “de amplitude de público muito baixa”, de acordo com Nobre. Além disso, é importante ter em mente que o sucesso estrondoso raramente ocorre. “Casos de sucesso são mais exceção do que regra, mas servem de exemplos de que a dedicação no trabalho de maneira séria e coerente gera retorno financeiro”, afirma Rafael Nobre, formado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, com ênfase em Antropologia Visual e da Performance, e membro da Associação Brasileira de Cinematografia (ABC).

Bastidores de *Hamlet*, com Nobre (sentado) no comando da câmera

